

**AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: DA ARTE
LITERÁRIA À CINEMATOGRAFICA**

**ALICE'S ADVENTURES IN WONDERLAND: FROM LITERARY ART TO
CINEMATOGRAPHIC ART**

Maira Oliveira Araújo¹

Universidade do Estado da Bahia

Resumo: Este trabalho tem como objetivo explorar como funciona o processo de adaptação de uma obra literária para uma obra cinematográfica. Para isso, serão apresentadas concepções do que é considerado arte e do que é visto como tradução, especialmente, a Tradução Intersemiótica. Dessa forma, veremos como esses dois termos estão relacionados às traduções feitas pelo cinema a partir de textos clássicos, como é o caso de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* publicado em 1865, por Lewis Carroll. Esse clássico da literatura infantojuvenil teve várias adaptações para outros sistemas de signos, uma delas foi o filme *Alice no País das Maravilhas* (2010), dirigido por Tim Burton. Sendo assim, além de entender como funciona essa intersemiótica, veremos também as semelhanças e diferenças em ambas às produções. Para a realização desta pesquisa foram utilizados textos de autores como Jorge Coli, no âmbito da arte, e Julio Plaza, no que diz respeito a Tradução Intersemiótica.

Palavras-chave: Arte; Literatura; Tradução Intersemiótica; *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*.

Abstract: This work aims to explore how the process of adaptation of a literary work works for a cinematographic work. For this, it will be presented conceptions of what is considered art and of what is seen as translation, especially the intersemiotic translation. In this way, we will see how these two terms are related to the translations made by the cinema from classical texts, as is the case of the *Adventures of Alice in Wonderland* published in 1865 by Lewis Carroll. This classic of children's literature had several adjustments to other sign systems, one of which was the film *Alice in Wonderland* (2010), directed by Tim Burton. In addition to understanding how this intersemiotic works, we will also see the similarities and differences in both productions. For the realization of this research were used texts of authors such as Jorge Coli, in the context of art, and Julio Plaza, with respect to the intersemiotic translation.

Keywords: Art; Literature; Intersemiotic Translation; *Alice's Adventures in Wonderland*.

Submetido em 7 de julho de 2020.

Aprovado em 10 de fevereiro de 2022.

¹ Graduanda em Letras na Universidade do Estado da Bahia. E-mail: mairaooliveiraaraujo@hotmail.com.

Introdução

A arte vem sendo discutida há anos por diversos estudiosos, no entanto, até hoje, não se tem apenas um conceito ou definição desse termo; mas sim vários. A título de exemplo, vejamos na filosofia estética a ideia formalista de arte segundo o crítico Clive Bell (1881-1964) e o expressivismo da arte a partir da concepção da filósofa Susanne K. Langer (1895-1985). De acordo com Bell (1914), toda arte visual é dotada de uma *forma significativa*, ou seja, um conjunto de cores, linhas e formas combinadas pelo artista na elaboração de sua obra. Em consequência disso, aqueles que contemplam uma obra de arte são embalados por sentimentos, o que Bell chama de *emoção estética*. Isto é, toda obra de arte plástica tem uma *forma significativa* responsável por causar a *emoção estética*. Já para a pensadora estadunidense Susanne K. Langer em seus *Ensaios filosóficos* (1981), a arte consiste em *exteriorizar emoções e sentimentos* humanos e *torná-los perceptíveis* para seus apreciadores através de seus objetos artísticos, sejam eles dinâmicos ou estáticos.

No entanto, mesmo sem essa exatidão conceitual, sabemos da existência dos vários tipos de arte e de como identificá-la. Entre as numerosas formas de expressões artísticas, estão: a arquitetura, a música, a pintura, o cinema, a literatura, entre outras. Contudo, este trabalho manterá o foco em apenas duas delas: a literatura e o cinema. Desse modo, analisaremos brevemente como se dá a tradução do texto literário para o texto cinematográfico.

Nos dicionários podemos encontrar as seguintes definições para a palavra *tradução*: “ação de traduzir, de transpor para outra língua” e “explicação do significado de algo; interpretação, compreensão”. Para exemplificarmos, uma das primeiras obras que passou por esse processo foi a Bíblia. Pois, há muito tempo, os judeus haviam deixado de usar a língua hebraica. Então, para que esse povo pudesse entender a Sagrada Escritura, no século III, alguns sábios atenderam a necessidade de traduzir a Bíblia do hebraico para o grego. Com o passar do tempo, esse termo deixou de ser visto apenas como a interpretação de um texto (oral ou escrito) de uma língua para outra.

As pesquisas sobre tradução se expandiram e, ainda estão se expandindo, para outras áreas de estudos, e uma delas é a da Semiótica. Na qual o linguista Roman Jakobson (1896-1982), considerado o precursor dos estudos tradutórios semióticos, afirma que há três formas de tradução: a intralingual, a interlingual e a intersemiótica. De acordo com Jakobson (2007), esse terceiro tipo de tradução ocorre quando há a transição

de um sistema de signo para outro distinto (do verbal para o não-verbal). Esse processo é comum nas diferentes manifestações artísticas.

Portanto, sob uma perspectiva intersemiótica, este artigo analisará como se dá a tradução da obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (2009), escrita pelo britânico Lewis Carroll (1832 – 1898) e publicada pela primeira vez em 1865, para a adaptação fílmica *Alice no País das Maravilhas* (2010) dirigido pelo norte-americano Tim Burton. Observaremos, também, as semelhanças e as diferenças presentes entre esses dois sistemas sígnicos.

Dessa maneira, o artigo está dividido em três seções. Na primeira, trataremos da origem, do conceito e das especificidades da arte, a partir das contribuições feitas por Jorge Coli em seu livro *O que é arte?* (1995). Na segunda, abordaremos de forma concisa o que é a tradução, mais especificamente, a Tradução Intersemiótica e como ela está relacionada com a arte literária e cinematográfica, com base nos estudos de Julio Plaza (2003). E, por fim, na terceira seção, faremos uma análise comparativa da obra-prima de Lewis Carroll, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, com a produção fílmica dirigida por Tim Burton.

1. Arte: origem e conceito

Considerada uma forma de expressão humana, a arte esteve presente no mundo desde a pré-história, quando os homens primitivos buscavam se comunicar e exteriorizar a sua percepção da realidade através das pinturas e gravuras em rochas e cavernas. Nelas, eles buscavam ilustrar as figuras de animais, de plantas, de pessoas e, o que nos parecem ser, rituais. Estes registros, assim como outros, refletem o cotidiano de uma sociedade em determinado período da nossa história (MARQUES, 2016, p. 22-23).

Já na Grécia Antiga, os gregos acreditavam que todo tipo de “fazer com técnica” era arte – por exemplo, a agricultura, a matemática, a arquitetura, as esculturas etc. O artista dessa época buscava em suas produções, além de homenagear seus deuses, representar o modo de vida dos antigos gregos.

Durante a Idade Média, a concepção de arte se altera novamente, pois esse período foi marcado pela grande influência – política, social, econômica – que a Igreja Católica exercia, seja ela em uma comunidade cristã ou não. Logo, o que se entendia por arte era a partir dos ensinamentos passados pelos religiosos, tidos como intelectuais por saberem

ler. Sendo assim, a Igreja utilizava pinturas e esculturas como um caminho para ensinar seus valores bíblicos ao povo medieval.

À vista disso, atualmente, definir o que é arte tornou-se um grande desafio. Isso acontece, pois, é abundante o número de conceitos existentes sobre o tema que, em sua maioria, são opostos. Isso acontece devido ao fato de a arte ser relativa/subjetiva, ou seja, é o nosso olhar que vai dizer o que é, ou não, arte. Mas, mesmo sem uma definição “única”, ou até tendo pouco conhecimento da sua natureza, sabemos quais são os seus produtos. Dessa forma,

é possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo [...]. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas se correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas (COLI, 2006, p. 08).

Vale ressaltar que a arte está inserida na cultura, não o contrário. Como vimos acima, cada época teve tanto o conceito quanto os produtos artísticos distinguindo uma das outras. E o que nossa cultura moderna vai dizer que é arte? Jorge Coli (2006) nos responde que ela se instala “[...] por meio do aparato cultural que envolve os objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração, etc. [...]”. Isto é, vamos saber o que é um “verdadeiro” objeto artístico através das concepções de estudiosos da arte (pesquisadores, especialistas, conservadores, entre outros) e do local no qual esses discursos se propagam (galeria, museu, cinema). Esses objetos tornam-se hierarquizados a partir de alguns critérios – entre eles: subjetividade, classe social e estilos –, sendo estes considerados mais “arte” que outros. No entanto,

Os discursos que determinam o estatuto e o objeto das artes não são unânimes nem constantes. Sua segurança enquanto critério de julgamento já pode ser, num primeiro tempo, questionada: eles podem ser contraditórios tanto na atribuição do estatuto da arte quanto na determinação da hierarquia [...] (COLI, 2006, p. 23).

O modo que um artista cria sua obra vai variar de acordo com a sua época, com o contexto da cultura que o envolve. Com isso, surgem duas concepções de estilo. A primeira, segundo Coli (2006, p. 25) está atrelada à “[...] ideia de estilo [que] repousa sobre o princípio de uma inter-relação de constantes formais no interior da obra de arte”. Por exemplo, o filme *Suspeita* (1941), citado pelo autor. Nele, aparecem características próprias do seu cineasta Hitchcock que se repetem em outros trabalhos seus, como no clássico *Psicose* (1960).

Já a segunda concepção, diz respeito a qual estilo pertence o autor de uma obra – Barroco? Romantismo? Surrealismo? –, buscamos classificar um artista a fim de identificar o espaço na história em que eles se encontraram. Assim, podemos ver até semelhanças entre obras e criadores de tempos e estilos distintos.

Além dos múltiplos estilos, a arte também pode ser manifestada de diferentes maneiras. Essas manifestações são conhecidas como Belas Artes (Arquitetura, Escultura, Pintura, Música, Literatura, Dança e Cinema), o foco deste trabalho será apenas a quinta e a sétima arte, a Literatura e o Cinema.

Como já sabemos, a arte literária é concebida pelo uso das palavras, podendo expressar emoções e sentimentos do artista que a produz e provocar sentimentos *catárticos* naqueles que as apreciam com atenção. Sendo assim, surge a importância do contato com esse tipo artístico, pois, fornecem aos seus leitores uma visão mais crítica, aprofundada e sensível do mundo. Com isso, conseguimos compreender não somente questões conceituais, estilísticas e autorais, mas também de contextos (tanto o da obra quanto o contexto em que o leitor está inserido) e como ambos se relacionam. No caso de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, uma escrita na qual Carrol inovou sua narrativa para o público infantojuvenil, por exemplo, carrega temas relacionados à vida e à infância a partir da perspectiva do imaginário e lúdico infantil. Além disso, as questões e as diferentes situações criadas pelo autor podem ser analisadas de um ponto de vista moral, ético, psicológico e filosófico, agradando, assim, leitores de todas as idades e em diferentes contextos.

A segunda manifestação da arte que será tratada aqui, o cinema, surgiu na França, no final do século XIX. Os primeiros filmes foram produzidos pelos irmãos Auguste Lumière e Louis Lumière, os quais capitavam imagens e movimentos reais. Para que essas produções tomassem a dimensão e qualidade que possuem hoje, elas tiveram que passar por constantes transformações, principalmente, por conta da tecnologia que estava sempre se renovando. Durante este processo, o cinema se tornou arte em 1912, graças ao italiano Ricciotto Canudo, famoso teórico e crítico de cinema. Ele afirma que a sétima arte une todas as outras manifestações artísticas (música, dança, literatura, entre outras).

Partindo desta perspectiva de Canudo, de que o cinema é o resultado da junção dos demais tipos de expressões da arte, veremos como funciona esse processo de adaptação de um signo para outro. Neste caso, como funciona a tradução do signo verbal

(Literatura) para o signo audiovisual (Cinema), com base nos estudos sobre a Tradução Intersemiótica.

2. Tradução Intersemiótica

Os primeiros atos de tradução surgiram da necessidade de entender textos escritos em outra(s) línguas(s). E, durante décadas, a tradução vem sendo entendida como a interpretação de um signo falado ou escrito de um idioma para outro. De acordo com Jeremy Munday (*apud* COSTA, 2014, p. 11), a tradução está para além de um processo, pois ela, também, se torna o seu próprio produto (o texto traduzido).

Para o Roman Jakobson (2007, p. 63-64), a tradução se divide em três tipos: intralingual, interpretação de um signo verbal para um signo verbal da mesma língua; interlingual, que é a interpretação de um signo verbal para outro signo verbal; e a intersemiótica, interpretação de um signo verbal para um signo não-verbal. E, como já fora citado, este trabalho tratará apenas do último tipo.

Assim como as demais, a tradução intersemiótica não é um processo tão simples quanto parece, não é apenas a transição de um sistema de signo para outro sistema de signo. São necessários a verificação e o conhecimento de outros fatores para analisar tanto o que será traduzido quanto o resultado final dessa tradução, o seu produto. Perguntas como estas: “Quem escreveu o texto que está sendo traduzido? Quando? Por quê? Em qual cultura e contexto foi escrito? Para quem?” é de muita importância para compreendermos como se dá esse movimento tradutório. É o que afirma Plaza (2003, p. 10) ao conceber que “O processo tradutor intersemiótico sofre a influência não somente dos procedimentos de linguagem, mas também dos suportes e meios empregados, pois neles estão embutidos tanto a história quanto seus procedimentos”.

Benjamin acredita, no que diz respeito à arte, que

os seus meios de produção artísticas são interiores à própria arte, configurando suas formas a partir de dentro. Nessa medida, os meios técnicos de produção da arte não são meros aparatos estranhos à criação, mas determinantes dos procedimentos de que se vale o processo criador e das formas artísticas que eles possibilitam (BENJAMIN *apud* PLAZA, 2003, p. 10).

Dessa maneira, segundo Plaza (2003, p. 11), o “século XX é rico em manifestações que procuram uma maior interação entre as línguas”. Desde então, principalmente pelo avanço das tecnologias, as produções artísticas vieram sendo multiplicadas de diferentes

modos. Como consequência, a arte literária pôde ganhar outra dimensão além do texto escrito e falado,

No movimento constante de superposição de tecnologias sobre tecnologias, temos vários efeitos, sendo um deles a hibridização de meios, códigos e linguagens que se justapõem e combinam, produzindo a Intermídia e a Multimídia (PLAZA, 2003, p. 13).

Como é o caso de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Essa obra de Lewis Carroll teve diversas adaptações, em ilustrações, animações, histórias em quadrinhos (HQs) e filmes, destacamos aqui a produção cinematográfica dirigida por Tim Burton.

Ressaltemos que nem todas ou, pelo menos, a maioria das adaptações não são fiéis ao seu “texto original”. Devido a alguns fatores da tradução intersemiótica que citamos acima, é comum a ocorrência de processos de modificações. Dessa maneira, sabendo da (in)fidelidade da tradução, veremos os contrastes entre a literatura de Carroll e a direção de Burton, levando em consideração que

Nessa mudança, o evento e sua verossimilhança foram modificados. [...] A operação tradutora como trânsito criativo de linguagens nada tem a ver com a fidelidade, pois ela cria sua própria verdade e uma relação fortemente tramada entre seus diversos momentos [...] (PLAZA, 2003, p. 1).

Para além da discussão sobre fidelidade ou a falta dela durante a tradução sígnica e consonante com as ideias de Benjamin e Plaza sobre os meios de produção artísticos, concordamos que a arte não é isolada em si mesma. Ou seja, fatores externos influenciam diretamente na criação de uma obra que, mesmo finalizada, ainda está aberta a novas interpretações. É desse modo que acontecem as adaptações, a cultura, a história, a sociedade, as tecnologias influenciam e promovem mudanças nos olhares sobre um mesmo produto. Ainda mais se tratando de uma literatura do século XIX e uma produção audiovisual do século XXI, como veremos adiante.

3. As Aventuras de Alice no País das Maravilhas: da arte literária à cinematográfica

Charles Lutwidge, verdadeiro nome de Lewis Carroll, escreveu o livro infantojuvenil *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, ainda no século XIX. A história começa com um poema feito pelo próprio Carroll, o qual explica brevemente a inspiração para esse clássico, Alice Liddell, filha do deão do Christ Church. A obra é dividida em doze capítulos que são acompanhados por ilustrações feitas pelo inglês John Tenniel (1820-1914) e foi publicada no ano de 1865.

Cada capítulo nos conta uma aventura diferente da personagem Alice, uma garotinha muito esperta e inteligente que, entediada de ficar sentada ao lado de sua irmã mais velha, começa a refletir sobre um colar de margaridas. Mas, de repente, ela vê um coelho passar correndo por ela. O que chamou a atenção da menina foi o fato de o animal estar segurando um relógio e resmungando “Ai, ai! Vou chegar atrasado!”. Enquanto corria atrás do coelho, viu-o entrando em uma toca e acabou caindo nela também. Foi uma longa queda até chegar no interior de uma sala.

A partir daí começam as aventuras da garota no País das Maravilhas, um mundo paralelo onde tudo era possível – por exemplo, aumentar/diminuir sua altura ao ingerir certos alimentos. Lá, Alice encontrou personagens bem inesperados como animais e plantas falantes, bem diferente do mundo de qual acabara de sair. Algumas dessas figuras ilustres foram: a lagarta que dava conselhos; o Gato de *Cheshire*, característico pelo seu sorriso marcante e sua capacidade de sumir e aparecer repentinamente; o Chapeleiro Maluco, que a convidava para tomar chá da tarde; e a Rainha de Copas, muito famosa por ordenar que seu exército de cartas de baralhos cortasse a cabeça daqueles que a “irritassem”. Por fim, a criança acorda e toma conta de que tudo que acontecera, todas as maravilhas e aventuras, não passaram de um sonho.

As aventuras de Alice foram adaptadas cerca de 40 vezes desde 1903 até nossos dias. Mas, a obra que aqui se destaca é o trabalho de Tim Burton, um produtor e diretor do cinema norte-americano, conhecido pelo seu estilo próprio, “criativo e sombrio”. Algumas de suas produções mais célebres foram: *Batman* (1989), *Edward mãos de tesoura* (1990), *A fantástica fábrica de chocolates* (2005), *Sweeney Todd – O barbeiro demoníaco da rua Fleet* (2007), entre outros sucessos.

Uma de suas adaptações mais recentes foi *Alice no País das Maravilhas*, em 2010. O filme se inicia mostrando brevemente uma criança chamada Alice Kingsleigh que, constantemente, tem sempre os mesmos sonhos estranhos e compartilha seus sentimentos sobre isso com seu pai. Aos dezenove anos de idade, após a morte de sua figura paterna, a jovem é convidada para ir a uma grande festa de uma família nobre de Londres. Ao chegar lá, ela descobre que se trata de seu próprio noivado. Onde um membro da nobre família pede sua mão. Porém, por não gostar do seu pretendente e por ter visto um coelho vestido e segurando um relógio, ela se retira do local e persegue o animal. Ao vê-lo entrando em uma toca, ela faz o mesmo. Depois de uma longa queda até cair em uma sala, Alice sai de lá e começa suas aventuras.

Após algumas andanças, ela finalmente encontra o coelho acompanhado de três figuras diferentes – um rato falante e os irmãos Tweedledum e Tweedledee –, no decorrer da história ela conhece também a lagarta conselheira, o Gato de *Cheshire* e o Chapeleiro Maluco. Depois de algum tempo nesse lugar, Alice se dá conta de que já havia estado no País das Maravilhas antes. Mas, agora, o país estava sob o governo da cruel Rainha Vermelha, cujo trono pertencia verdadeiramente a sua irmã mais nova, a bondosa Rainha Branca. Ao longo da história, a jovem recebe a missão de derrotar um Jaguadarte (que na realidade é um poema de Carroll presente em *Através do Espelho* (1872)) para trazer a paz e esperança àquele reino. Quando a batalha termina, ela volta para o mundo do qual havia saído, nega o pedido de casamento e resolve seguir a profissão do falecido pai.

É notável que as duas versões sejam distintas uma da outra, mas, como já vimos em Plaza, um produto da tradução intersemiótica não vai ser e nem tem o dever de ser totalmente fiel à obra primária; já que se trata de dois sistemas de signos e contextos temporais diferentes. No entanto, vale lembrar que o filme de Burton contém elementos tanto de *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* quanto de sua segunda parte *Através do Espelho*, publicada por Carroll anos depois.

Sendo assim, a primeira diferença que podemos notar nas duas produções é a questão da narrativa. O texto literário começa e finaliza falando de uma criança; o filme também se inicia com Alice ainda criança, porém de forma bem passageira e em contextos totalmente díspares. Podemos ver como Alice é representada de maneira diferente na ilustração de John Tenniel (figura 1) e como ela se apresenta no cinema (figura 2).

Figura 1. Ilustração de Alice.



Fonte: Tenniel (1865).

Figura 2. Personagem Alice no cinema.



Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

A segunda distinção é como que as duas Alices vão atrás do coelho até cair na toca. A literária está sentada com sua irmã enquanto refletia sobre flores até avistar o animal. A cinematográfica se encontra fugindo de sua própria festa de noivado surpresa e, visita pela segunda vez, o mundo das maravilhas como vimos no resumo acima.

Percebemos também que Tim Burton acrescentou mais elementos de *Alice Através do Espelho*, do que o próprio *Alice no País das Maravilhas*. Dessa forma, aparecem mais personagens e elementos da segunda parte da obra, a aparição dos irmãos Tweedledum e Tweedledee, a Rainha de Copas, a Rainha Branca, o Jaguadarte e o campo de batalha no formato de um tabuleiro de xadrez (figura 9) (ilustração do tabuleiro, figura 10) são exemplos desse fenômeno de acréscimo/substituição dentro da narrativa burtoniana.

Por fim, outro artifício interessante usado pelo cineasta foi aplicar características da personalidade de alguns seres do País das Maravilhas em algumas pessoas da realidade de Alice. Podemos ver isso acontecendo com: duas irmãs que são convidadas para a festa de noivado (figura 3), elas estão sempre entrando em contradição e discordância uma com a outra tal como fazem os irmãos “Tweedle” (figura 4); temos também a mulher que seria a futura sogra da garota (figura 5), com personalidade forte e autoritária igualmente a

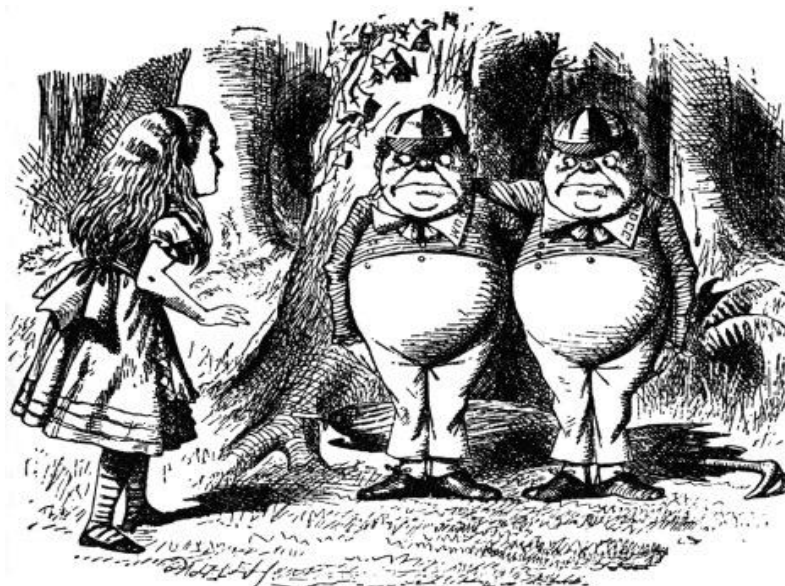
Rainha de Copas (figura 6); e a mãe de Alice (figura 7), doce e singela como a Rainha Branca (figura 8).

Figura 3. Irmãs convidadas para o noivado.



Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 4. Ilustração dos irmãos gêmeos Tweedle.



Fonte: Tenniel (1865).

Figura 5. Suposta futura sogra de Alice.



Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 6. Rainha de Copas.



Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 7. Mãe de Alice.



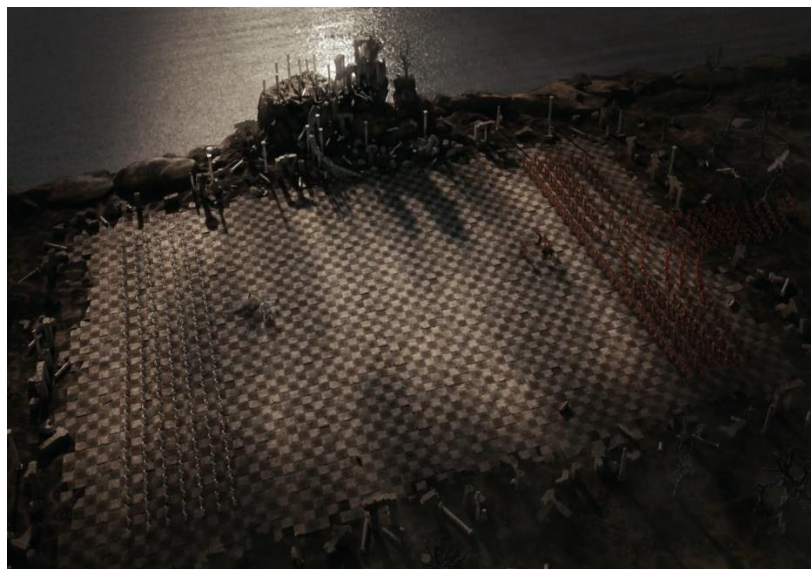
Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 8. Rainha Branca.



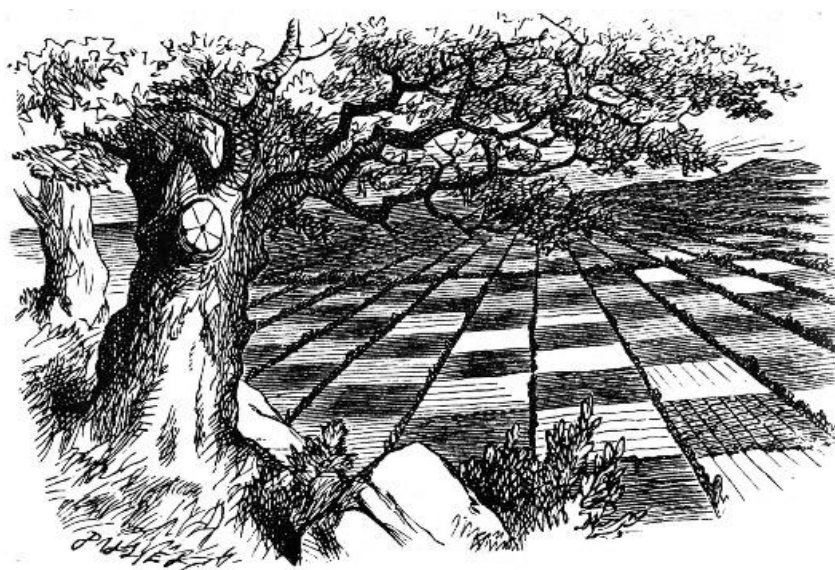
Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 9. Campo de batalha em forma de tabuleiro.



Fonte: Filme/Walt Disney Pictures (2010).

Figura 10. Ilustração do campo de batalha em forma de tabuleiro.



Fonte: Tenniel (1865).

Considerações Finais

Com isso, vimos que a arte desde a pré-história está em constante modificação, se adaptando aos contextos de cada período em que se encontra. Sendo assim, vista como forma de expressão humana, o seu conceito ainda é subjetivo, pois depende do olhar sensível e crítico daqueles que a produzem e dos que a consomem, além das diferentes concepções culturais somadas às experiências de linguagem vivenciadas em seu cotidiano. A partir daí, podemos observar as variadas formas de manifestações artísticas, as chamadas Belas Artes. E a tradução, bem como a arte, também passou por uma série de modificações em sua definição ao longo do tempo.

Lewis Carroll, em sua clássica obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, parece compreender o mundo sob a perspectiva de uma criança. Ele cria um universo fantástico, maravilhoso, alegórico, em que são encontrados elementos do imaginário infantil. Por exemplo, os animais e plantas falantes e racionais, que pensam e se comportam como os humanos. Além de trazer personagens que representam, claramente, emoções e sentimentos comuns característicos tanto da infância, quanto em outras fases da vida.

Enquanto isso, Tim Burton é conhecido pelas suas produções que exploram o surreal, o obscuro e o sombrio, tratou o clássico infantojuvenil de uma maneira que pudesse agregar as características do texto literário, sem perder a essência de sua originalidade no campo cinematográfico, atendendo tanto ao público infantil quanto ao adulto.

Pudemos ver neste artigo que a arte juntamente com a tradução intersemiótica nos apresentam diferentes maneiras de enxergar a obra “original”, como observamos na comparação entre o livro de Carroll e o filme de Burton. Esse distanciamento entre o texto primário e a tradução em si se dá a partir das concepções e propósitos de seu criador e, neste caso, do tradutor também. Ressaltemos, por tanto, a importância da continuidade dos estudos na área da tradução, pois são múltiplos os números de adaptações e de traduções. E entendermos que este processo nos faz compreender, também, as nuances de cada modificação dentro de uma narrativa.

REFERÊNCIAS

BELL, C. *Art*. London: Chatto and Windus, 1914.

BURTON, T. *Alice no País das Maravilhas*. Produção: Tim Burton, Joe Roth, Jennifer Todd, Suzanne Todd e Richard D. Zanuck. Walt Disney Studios. 2010. 1 DVD (109 min). Estados Unidos da América.

CARROLL, L. *Aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Ilustração: John Tenniel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

COLI, J. *O que é arte?* 15^o ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

COSTA, L. *Alice: uma aventura Intersemiótica sob o olhar da sátira menipéia*. (Dissertação de Pós-graduação em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2014.

GERGULL, E. *Alice no país das maravilhas: uma análise comparativa das ilustrações à luz da tradução intersemiótica*. (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2007. 24^a ed.

LANGER, S. K. *Ensaio filosóficos*. São Paulo: Cultrix, 1981.

MARQUES, C. A arte rupestre. *Monções*, Mato Grosso do Sul, v. 3, n. 4, p. 21-36, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/moncx/article/view/3126>. Acesso em: 12 de jul. de 2018.

PLAZA, J. *Tradução Intersemiótica*. 1^o ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.